



Sr.^{na} D. NAI3 DE TEFÉ, esposa de S. Ex.^o e presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil

II Série—N.^o 411

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 5 de Janeiro de 1914

DIRETOR E PROPRIETARIO J. J. DA SILVA GRAÇA
EDITOR: JOSÉ JOUBERT CHAVES

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SECULO

Assinatura para Portugal, colonias portu-
guezas e Hespanha:

Redação, administração, off. de composição e impressão



Trimestre..... 1820 cent.

Semestre..... 2540 cent.
Número avulso 10 cent.

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Socied. anonyma respons. limitada

CAPITAL:

Ações.....	360.000\$000
Obrigações.....	323.918\$000
Fundos de reserva e amortização.....	266.508\$800
Reservas.....	930.310\$800

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marlanha e Sobrelinho (Tomar), Penedo e Casal de Hermio (Lousã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papéis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedor exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.

ESCRITORIOS E DEPOSITOS:

LISBOA — 270, Rua da Princeza, 276
 PORTO — 49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: Companhia Prado. Numero telefonico: Lisboa, 605 - Porto, 117.

PARA QUE VIVER?

triste, miseravel, preocupado, sem amor, sem alegrias, sem felicidade, quando é tão facil obter fortuna, saude, arte, amor, correspondencia, ganhar aos jogos e to erias, pedindo a curiosa brochura gratis, em portuguez, do professor VYALO, 35, Boulevard Bonne-Nouvelle, 35 - P. 1

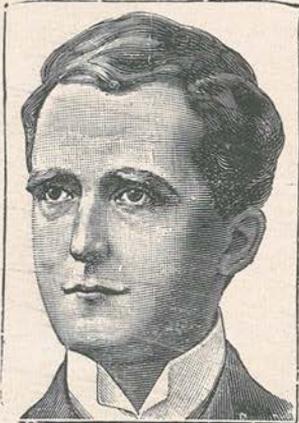
SERA' ESTE HOMEM DOTADO DE UM PODER EXTRAORDINARIO?

Muitas pessoas de alta categoria e competencia dizem que ele lê na vida de cada qual como n'um livro aberto.

Quem ser claramente informado das respeito das cousas que mais lhe podem interessar: Negocios, Casamento, Mudanças de Vida, Occupações? Querem saber ao certo o que devem pensar dos amigos e inimigos, e conhecer meio de alcançar o melhor exito na vida?

LEITURAS D'ENSAIO, HOROSCOPOS PARCIARS GRATUITAS A TODOS OS LEITORES QUE ESCREVEREM DESDE JA'

ESTAO atualmente despertando a atenção de todas as pessoas, que se interessam pelas ciencias occultas, os trabalhos do Sr. Clay Burton Vance, que sem alardear



lons especiaes, nem um poder sobrenatural procura revelar o que a vida reserva a cada qual, com auxilio d'este dado tão sim-

ples: a data do nascimento. A extidão incontestavel das suas revelações e predições faz pensar que até agora quironomates, advinhos, astrólogos e videntes de todos os feitios não haviam logrado applicar os verdadeiros principios da ciencia de desvendar o porvir.

As cartas que publicamos em seguida attestam a elevada competencia do Sr. Vance: «Recebi o meu Horoscopo, escreve o Sr. Lafayette Redde. Foi com verdadeiro assombro que eu, a minha esposa e a minha filha desde a infancia até agora. Ha annos que este genero de estudos me interessa, mas nunca me passára pela ideia que fosse possível dar opiniões e conselhos de valor tão inculcavel. Sou, portanto, forçado a confessar que V. é na verdade um homem extraordinario, e muito folgou a minha sorte, aproveitar-me áquelles que o consultam, das suas admiráveis facilidades.»

O sr. Fred. Walton escreve: «Não esperava receber uma tão esplendida descripção da minha vida. É impossivel calcular todo o valor científico das suas consultas, antes de haver experimentado directamente, como eu fiz. Consultar a V. Ex. é ter a certeza de alcançar o exito que se deseja e a felicidade a que se aspira. Em virtude de negociações levadas a cabo, podemos oferecer a todos os leitores da Ilustração Portuguesa uma leitura d'Ensaio gratuita, ou Ho. oscopo parcial. É necessario, porém, que as pessoas que quizerem aprovar este offerecimento façam o seu pedido sem demora. Aquelles que desejarem, por tanto, uma descripção da sua vida passada e futura que quizerem receber uma enumeração das suas características, talentos e aptidões, uma indicação das occasões que se lhes proporcionarão, não tem mais que enviar o nome, a morada, a indicação do sexo, a do dia, mez e anno do nascimento, e a copia feita pela propria mão dos versos seguintes: Vosso poder: é grande, é assombroso, Ao mando: a fama diz: Do me a porvir rasgado o vuo nebuloso Dizei—Serrei feltz?

Dirigi a vossa carta a Monsieur Clay Burton Vance, Sulle 2008, M. Palais-Royal, Paris (França).

Se á convenientemente incluir na carta 150 réis em estampilhas portuguezas (ou 300 réis em estampilhas brazileiras), na a despeza de porte e d'e critorio. É preciso notar que as cartas para França devem ser frangueadas com 50 réis moeda portugueza, (ou 200 réis moeda brazileira). Não se deve incluir na carta dinheiro amodado.

A Fotografia das cores com as placas

Autochromes LUMIÈRE

é mais simples e mais facil do que a fotografia a negro. Reprodução exata de todas as cores da natureza.

Ourivesaria "CHRISTOFLE"

Fabrica só uma Qualidade

A Melhor

Para obtel-a exigir esta Marca



e tambem o nome **CHRISTOFLE** em cada objecto.



Cabelos fortes, abundantes limpos e sedosos, CINCOENTA ANOS DE CREDITO BEM JUSTIFICADO PERMITE AFIRMAR QUE O

Tonico Amarelo com sello Viteri

move o seu crescimento, dá-lhe flexibilidade e desengordura-o, facilitando o penteio das senhoras. Regenera a cor primitiva. Tira a caspa e limpa a cabeça de todas as substancias nocivas ao cabelo. Impede a calvície, conserva os frisados e ondados. Não contém enxofre. Frasco 700 réis (Para fóra de Lisboa mais 100 réis para porte e registro. Deposito geral

Preparado desde 1887 pela PHARMACIA BARRETO. — Suspende a queda do cabelo, promove a sua regeneração.

VICENTE RIBEIRO & C.ª - 84, R. Fanqueiros, 1.ª - LISBOA

Sederia Schweizer

Últimas novidades em seda para Vestidos e Lusas bem como em velludos e peluches. Peçam as nossas amostras franco. Schweizer e Ca., Lucerne E II (Suissa)



Fabrica Palmeira

49

TELEFONE 17

SUCURSAL—Ver-o-peso

Telefone 526

Caixa Postal 206

A primeira do Norte do Brazil, montada com todos os aperfeiçoamentos, satisfazendo as maiores exigencias nos artigos de seu ramo.

SECÇÕES DE

PADARIA, CONFEITARIA, BISCOUTARIA, TORREFAÇÃO E MOAGEM DE CAFÉ, REFINAÇÃO MECANICA DE ASSUCAR, MANIPULAÇÃO DE CHOCOLATE, MOAGEM DAS FARINHAS DE MILHO, ERVILHA, TRIGO, FEIJÃO, ARROZ ETC.

Importante secção de Massas Alimenticias, onde se fabrica o afamado macarrão em pacotes, o unico que rivalisa com o Italiano, obtendo a medalha d'ouro na Exposição de Turim, em 1911. Fabrica-se tambem Bombons, Amendoas, Cacau-Leite em latas e sortimento completo de Biscoitos. Encontra-se á venda grande sortimento de cartanagem propria para presentes.

Rua Paes de Carvalho, n.ºs 6 a 16—PARÁ

Sabonete preparado com os saes das Aguas



de **Lizella**

o melhor para a pelle



SELLOS DI CORREIO
Preços sem competencia.
CATALOGO GRATIS E FRANCO
Remettem-se folhas para escolher.
H. POULAIN
6, Rue Victor-Massé, 6, Paris.

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CEBLEBRE CHIROMANTE E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME 19

BROUILLARD



seguram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) — LISBOA. Consultas a 15000 rs., 2500 e 30000 rs.

CASA BANCARIA

ARMAZEM DE FERRAGENS

Moreira, Gomes & C.ª

7—RUA 15 DE NOVEMBRO—7

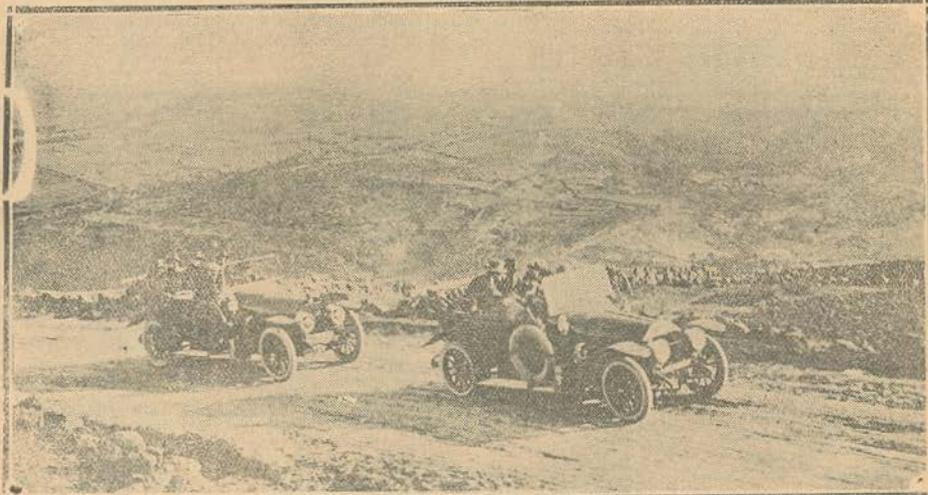
COMPRAM E VENDEM MOEDAS DE TODOS OS PAIZES



Sacam sobre todas as praças do mundo ao melhor cambio

Na Italia fazem pagamentos aos domicilios

AUTOMOVEIS AUSTIN COTTIN & DESGOUTTES



Notavel pela sua energia em rampa

Admiravel pela sua simplicidade bem patente nas gravuras que damos do motor. Dispensa chauffeurs mecanicos, todos os orgãos principaes do motor são de um acesso facilimo para regular e desmontar.

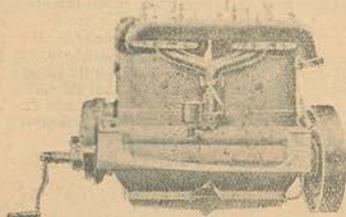
A. BLACK & C.[^]

GARAGE BLAK

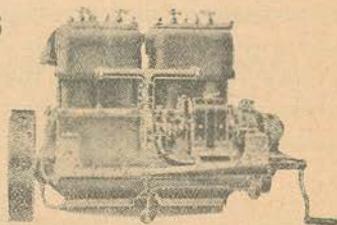
26, TRAVESSA DA GLORIA, 26

TELEFONE 3046

LISBOA



Motor lado das valulas



Motor lado do magneto

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

CRONICA

5-1-1914

N.º 411

Ano Novo

1913 morreu. Nasce 1914. Com o tilintar dos ultimos sinos fez-se o ultimo exame de consciencia. Com o estalar do ultimo *Champagne* deu-se o ultimo balanço ao ano que passou. A humanidade tem a impressão de que uma vida nova surge,—de que alguma coisa se suspendeu, de que alguma coisa recomeça. A meia noite de 31 de dezembro foi um colapso entre duas vidas. Para traz, ficou um monte de cinzas; para diante, está um clarão. A so-



lução convencional na continuidade do tempo, traz consigo uma renovação moral. Todos nós sentimos, um momento, a necessidade de recomeçar também, de nos tornar melhores,—mais puros, mais uteis, mais virtuosos, mais nobres. E, entretanto, nós somos os mesmos, a vida é a mesma, nada se suspendeu, nada recomeça, o mundo prosegue na sua marcha continua e imperturbavel,—e sobre a ilusão de hoje va-se abrindo, eternamente, a *boite à surprises* de amanhã...

O cardeal Rampolla

Rampolla, a sombra vermelha que alastrou sobre o pontificado de Leão XIII e que pretendeu disputar a tiara a Pio X, acaba de falecer em Roma. O cofre onde se guardava o testamento do cardeal, desapareceu. Desapareceram papeis politicos e diplomaticos de importancia. Os creados de Rampolla fugi-



ram. Começa a suspeitar-se de que a agua toffana de Alexandre VI e a taça d'ouro dos Borgias permanecem entre as purpuras consistoriaes. Falou-se em exumar o cadaver; desistiu-se perante a afirmação de que, em tentativas de embalsamamento, o tinham injetado com um soluto toxico. O misterio envolve o espectro vermelho de Rampolla. O Vaticano continúa a ser, a despeito do progresso moral das sociedades modernas, uma espessa e interminavel tragedia.

Uma princeza

Faleceu em Sigmaringen a sr.ª D. Antonia de Hohenzollern. Era a ultima Coburgo-Bragança que existia nas folhas doiradas do al-

manaque de Gotha. Era uma princeza de Portugal. Entretanto, Portugal recebeu a noticia da sua morte com a gelada indiferença de quem ouve falar n'uma desconhecida. E essa indiferença justifica-se. A infanta D. Antonia, a cujas grandes virtudes presto homenagem, era para nós duas vezes estrangeira: pela estirpe e pelo casamento. As raças reaes são, em todos os paizes, raças desnacionalizadas. As familias dinásticas constituem ainda hoje



na Europa, como nos seculos XV e XVI, uma grande e unica familia internacional, hyper-seleccionada, encarregada de fornecer reis aos povos. Essa familia pertence, indistintamente, a todos os paizes. E' uma estirpe sem patria. A senhora infanta que acaba de falecer na Alemanha, Coburgo-brazileira pelo berço, Hohenzollern pelo tálamo,—estava, efetivamente, muito distante de Portugal.

Casaca ou farda?

Tem sido muito discutidos, nos ultimos dias, os diplomatas portugueses. A questão da casaca está dando lugar a uma discussão viva e interessante. Uns, combatendo as fardas sumptuosas, as fardas chamarradas de ouro como lagartos, improprias da representação de uma Republica democratica, advogam o uso simples, sóbrio, grave, da casaca preta. Outros, lançando uma suspeita sobre a elegancia dos nossos diplomatas, prevêm a

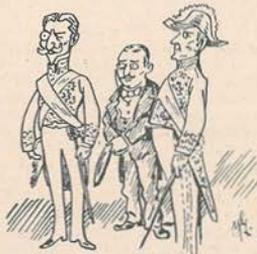


figura triste que entre fardas, gran-cruzes, Jarreteiras e Tosões d'Ouro, fará a mancha negra, escorrida e desgraçosa da casaca dos nossos ministros. Estou a vêr o disintissimo Teixeira Gomes, cheio de elegancia e de raça, a perguntar de Londres ao sr. Xavier de Carvalho, com o mesmo sorriso do visconde de Sotomaior ao despir o seu *carrick* vermelho na Camara dos Deputados de 1848:

—V. ex.ª diz-me onde é o seu alfaiate?!

JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo.)



AS HORAS REVELADORAS

SENTADA num banco de cortiça do jardim, Efigenia dormia, com um livro de versos aberto e esquecido no regaço. A manhã era serena e dourada por um sol fulvo. A' volta, os lilazes, sob a pureza da luz e o azul sem mancha do céu, começavam a florir, esvaindo-se em aromas perturbantes: desabrochavam as rosas cravilhadas e puras, exalando a alma—uma alma pequenina e misteriosa—em perfume.

As folhagens, onde os passaros cantavam tecendo de macias plumagens o frouxel dos ninhos, fechavam-se sobre a cabeça de Efigenia, formando uma abobada de verdura em que havia um ambiente calmo e inspirador de paz, de solicitude e de penumbra. A paisagem embebia-se de tintas alacres e gritantes, repousando ao embolo das musicas fugidias que erravam nas aragens sonoras. Perto, corria a agua dum fonte cintilando, faulhando á claridade e desfiando-se dentro duma taça gotica de alabastro, num murmuro que se perdia no ar. O calor pesado tornava o silencio mais profundo. E Efigenia dormia sempre, na alvura do seu branco vestido de adolescente. Nos dedos afusados e magros dardejavam, relampejavam pedras de anéis, resplandeciam brilhos de ouro acariciando a brancura da sua pele, macia como a sêda. A's vezes, ondulavam lentamente as ramagens cobertas de florescencias novas, e uma folha viçosa, muito de leve, tocava, com a brandura duma aza, a massa dos seus cabelos flavos enrolados no alto da cabeça e deixando-lhe a descoberto a fronte espaçosa e pensativa. Um ligeiro estremecimento, um arrepiro subtil agitavam o seu corpo virginal, mas o sono não se interrompia. As palpebras cerradas escondiam-lhe os olhos que deviam ser cismadores e ternos e que talvez refletissem as risouhas e felizes imagens da vida. O seio arfava-lhe docemente, redondo e farto como o da Sulamite que a Salomão inspirou, outr'ora, estrofes divinas. A sua mão direita pousava sobre uma folha do livro aberto—um poema de liricas intitulado «As horas da Ventura». De quando em quando, abria nos seus labios a flôr dum riso de innocencia e de pureza. De certo que os sonhos cor de rosa adejavam na sua imaginação, enflorando e iluminando-se, na doçura virgiana da manhã!

Houve um momento em que a pacificação envolvente mais se suavizou. A clara agua da fonte proxima abrandou o seu elegiaco sussurro e as folhagens verdes deixaram de murmurar, sob o afago da rosa de fogo do sol. Então, das espessuras discretas, dos musgos, das corolas perfumadas, saíram os elfos, os duendes, os sylvanos, as driades, que envolveram Efigenia adormecida numa farandola jovial, saltando, coixando, sorrindo ironicamente. Depois, coroaram-n'a de rosas, pousaram-lhe sobre o peito um ramo de lilaz branco, agitaram leques de plumas para que á roda de Efigenia a atmosfera refrescasse, e em voz baixa começaram a entoar um hino de amor e de felicidade que outr'ora as Musas lhes tinham ensinado, no monte Ida. Ao som dos côros nupciaes, avançavam cortejos de virgens palidas sob as capêlas de flôres de laranjeira, que embalsamavam a brisa. As caudas roçagantes de setins e de veludões arrastavam-se sobre musgos aromaticos—e a Natureza transformava-se, por uma subita mutação de cenarios, numa cathedra sumptuosa erguendo no ar resplandecente e luminoso, as suas agulhas frageis como rendas de luar. Os claustros e as naves enchiam-se de prestitos maravilhosos, movendo-se ao ritmo cadenciado das solênes marchas que os órgãos tocavam. As portas d'esta cathedra, em que os escultores de genio narravam no esplendor das formas puras as religiosas lendas celestes, abriam para o Futuro, e através dêlas vislumbravam-se os horizontes desafogados, os jardins perenemente floridos, os palacios de soberba linha architectonica onde morava a Felicidade. Violinos de sortilegio soluçavam, gemiam pelos balcões, dizendo as piedades, as ternuras, os misticismos, os enlevos, as extasias das almas que o amor chamava, fazendo resoar uma lira ma's bela do que a de Orfeu, que despertava as proprias pedras inanimadas e frias.

Apertando mais o cerco em volta de Efigenia adormecida, os elfos, os duendes, os sylvanos, as driades bafejavam-lhe o rosto com seus halitos que cheiravam aos rosaeas em maio, afagavam-n'a com mãos de arminho e de viração, diziam-lhe ao ouvido:

— Acorda, acorda, que chegou a primavera!

— A terra inteira dá flor neste momento em que tu dormes!

— E já o Amor anda á tua procura para semear no teu coração as ilusões, as quimeras e a saudade! Acorda!...

— Tens dezoito anos, és immaculada de corpo e de espirito e tão ingenua que ainda ignoras o mal. Se queres ser feliz, perpetuamente feliz, não acordes! — exclamou uma nereida que subitamente saia da fonte, toda orvalhada de lagrimas e de beijos de agua. Dorme sempre, dorme até ao fim do mundo.

Neste instante, um rouxinol, batendo as azas entre a ramaria fechada dum alto choupo, começou a cantar uma cantiga muito doce e muito triste, enquanto os arvoredos se balouçavam indolentemente sob a concha rutilante do ceu.

— Ouves? — continúa a nereida. E' o queixume d'alguem que amou e que agora carpe as suas maguas e os seus desenganos. Não acordes nunca!

Os elfos, os duendes, os sylvanos, as driades formaram circulo á volta da nereida, rindo zombeteiramente, crivando-a de sarcasmos:

— Tu falas assim, por despeito.

— Como foste repelida, não queres que ninguem seja amado!

— Outro dia, sob as alfombras, á beira do lago, eu bem te vi chorando [sobre o seio dum tritão que te escarnecia em gargalhadas soltas.

— Eu? — disse a nereida, córondo.

— Tu!... E continuamente o persegues, nas horas em que êle sai da sua gruta de cristal onde dorme ao marulho das aguas, tocando busios. Mas como queres que te ame, se adora outra, uma linda sereia de olhos verdes e cabelos ondulantes como as vagas, que nas noites de luar a visita para o idílio festival das bodas?

— E' por isso, é por isso! — bradou o coro.

— Chegou a Primavera! As almas, apaixonadas, andam á busca umas das outras. Deixa-as! Não as perturbes com as tuas lamentações de amante infeliz nem espalhes nos sentimentos candidos o veneno da descrença. O amor é a lei fatal da vida!

— Fóra daqui! Fóra daqui — intimou um elfo ainda moço e de olhar reluzente. O teu logar não é nesta festa de alegria e de profecias!

— Olha, upa upa!... — gritou o coro.

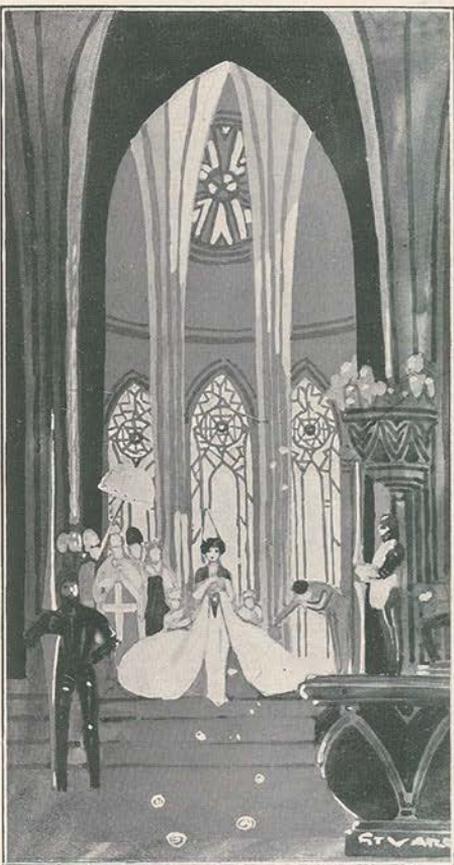
Dum salto, a nereida mergulhou na fonte que ia correndo e cantando na gloria da lua matinal: e novamente, as divindades, as aparições, os génios propícios das florestas, dos parques, dos jardins, das folhagens se acercaram de Efigenia, que dormia profundamente, murmurando:

— Desperta, que a vida vae ser para ti uma revelação, minha filha. Quando adormeceste, existia a cegueira no teu olhar e a ignorancia na tua intelligencia. Não comprendias o que ias vendo, não entendias as aspirações que alvoreciam no teu espirito, as tuas aniedades indecifráveis só te causavam sofrimento.

— Mas eis que chegou a Primavera! — interrompeu um velho duende.

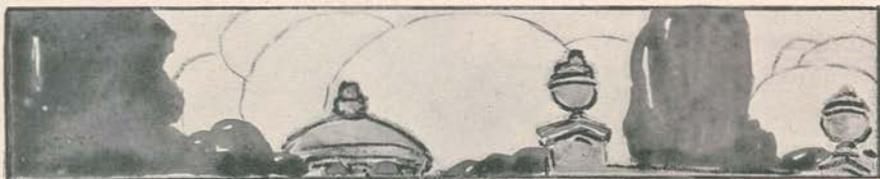
— Chegou, com effeito, a Primavera á terra e aos corações, e o seu poderoso efluvio, a sua prodigiosa força, a sua argúcia, iniciaram-te. Quando acordares, brilhará dentro de ti uma luz profética. Desconhecerás o mundo que te envolve e as emoções que te fizeram palpitar deixarão de ser um segredo para a tua sensibilidade. Acorda, não demores! O tempo da ventura foge vertiginosamente. Não a dissipares em vão, dormindo!...

Nesse momento, a paisagem era d'uma beleza ideal. A atmosfera azulada imprimia mais nitidez e sobriedade ás fôrmas, modelando-as em correctas expressões plasticas, e transmitia mais fluidez e suavidade ás tintas, que se imaterialisavam no ar ligeiro, dissolvidas na luz, evaporando-se em claridade. No silencio do parque, pelos arruamentos areados, pelos tableiros de relva, pavões



heraldicos gritavam estridentemente. Um fauno em marmore, de cima do seu plinto, espreitava humoristicamente as eras e as trepadeiras que se enredavam no seu busto e que já lhe chegavam quasi ao pescoço, vestindo-o dum manto de veludo e de esmeralda como se a quizessem paramentar para as celebrações religiosas dos mysterios de Eleusis ou para um d'esses concertos que Apolo antigamente offercia na Grecia aos Imortaes, sobre as pradoarias de violetas e de narcisos. As robas desabrochavam por toda a parte, cobrindo os canteiros da pompa dos seus coloridos e da seda das suas pétalas. Uma fragrança capitosa adoçava o ambiente.

— Acorda, acorda! — murmurava uma driade para Efigenia. Olha que chegarás tarde ás docuras, ao encanto, á poesia do amor! A Primavera é fugaz! Apaga-se tão depressa na Natureza como nos corpos — mas na Natureza todos os amos ressurge, maravilhosamente bela, e nos corpos só uma unica vez os ilumina. E o teu corpo, minha filha, é uma flor que dará outras flores... se ficasdes descaudidamente dormindo até á velhice, como serias desgraçada! A mocidade — que é a Primavera humana — é para tudo e sempre o unico enlevo das mulheres. A Marina da lenda indiana viveu feliz, contente e tranquila durante



um seculo, porque um espelho magico lhe mentia, iludindo os seus olhos e representando-lhe o rosto perenemente lindo e moço. Mas esta lenda não é mais do que um piedoso embuste. Não esperes pelas rugas e pelos primeiros cabelos brancos para amar, porque nenhum homem, então, parará um minuto no seu caminho para contemplar-te! Se desejas conhecer o amor, que é doce como aqueles dourados favos de mel que as abelhas do Himeto em outros tempos fabricavam com o polen das flores da Helude, acorda!..

Uma lufada mais viva de aragem, passando entre as frondes sacudiu as folhas. Efigenia estre-meceu, e o livro caiu-lhe do regaço, sobre a areia.

— Cautela! — murmurou um sylvano. Vae acor-dar! Escondamo-n'os, para ass'stirmos á surpreza singular d'esta ressurreição.

Imediatamente, todo aquele mundo, de invisiveis criações da fantasia dos poetas, se escava por entre as ervas, se encobriu com os troncos, se refugiou no meio das cópas das arvores, rindo prazenteiramente. Na penumbra ardiavam, fusilavam olhos minuculos e curriolos. Efigenia suspirou fundamente, espreguiçou-se, correu as pontas dos dedos pelas palpebras inchadas de sono, erguendo-se com lentidão e sorrindo da fadiga que ainda a amolecia.

Onde estou eu?... — perguntou.

E afirmando-se mais demora-damente nas coisas que a rodeavam.

— Ah!... E' verdade!... Ago-ra compreendo.

Baixou-se a apanhar o volume de liricas que estivera lendo, antes do sono a invadir. Abriu-o de novo e caminhando a passos vagarosos, na areia fina da alameda que rangia sob os seus sapatinhos de setim, recitou em voz alta alguns versos de ritmos ondulantes e de forma lapidar que resoavam na serenidade envolvente como as harpas eólias que os bardos antigos deixavam suspensas ao vento pelas arvores e que enchiam a atmosfera de musicas flutuantes e saudosas. Depois, penetrado por um vago aborrecimento que a entristecia, fechou o livro, parando deante dum espinheiro que as florações cobriam duma pura cambraia alvissima tremendo á aragem que adejava sobre as cores com asas imateriais. Desconhecia-se, e fazia esforços para se recordar dum doce bem que tivera na sua mão e

que subitamente fugira á sua ancidencia ardente. Havia qualquer coisa de extraordinario nas suas reminiscencias.

Parecia-lhe, com effeito, que esse bem que agora relembra era recente, e que, no entanto, vinha do fundo do passado. Mas o que com mais intensidade a surpreendia era a belesa jamais entrevista que ante os seus olhos resplandecia em tudo. As flores tinham mais graça e mais aroma, era mais nitida a luz, mais prometedora o ceu, as proprias aves cantavam com mais ternura e mais enlevo. O mundo exterior revelava-se-lhe claramente, oferecia-lhe a sua perfeição secreta que apenas os olhos dos iniciados conseguem desentantar. O sangue circulava apressadamente nas suas veias e o coração pulsava-lhe com ruido no seio. Ao mesmo tempo, a imaginação povoava-se-lhe de esperanças e uma confiança infinita na existencia apossava-se de todo o seu sér. Efigenia, sob o dominio de emoções até esse momento nunca experimentadas, sentia uma grande, imperiosa

necessidade de correr, de alar-mar o parque solitario com gritos de entusiasmo, e tinha de empregar uma violenta força de vontade para conter-se. A primavera enflorava o jardim, estrelava os arvoredos e as relvas humides e humidadas, fasia cantar os ninhos nas sebes, arrastava sobre os prados um esplendido manto sideral pespontado de botões de oiro.

Efigenia dirigiu-se para o salão do palacio, afofando os pés no tapete mole que amortecia o som dos passos, pousou o livro de versos sobre uma mesa dourada e sentando-se ao piano tocou a «Marcha Nupcial» de Mendelssohn. Com que agilidade os seus dedos esguios onde fulguravam as pedrarias dos anéis caíam sobre as teclas de marfim! A musica tudo lhe revelava, afinal, com o seu divino poder de sugestão. Com a chegada da Primavera á terra, chegava tambem o amor á sua adolescencia. Havia rosas no jardim e na sua alma. N'umas noivavam as borboletas e nas outras as illusões. Quando o teclado se immobilizou sob as suas brancas mãos, Efigenia ainda durante muito tempo ficou ouvindo a musica expirante que era, conjuntamente, um hinario de graça e uma aleluia!...



JOÃO GRAVE.

Uma festa simpatica



Em casa do ilustre diretor do «Seculo», sr. Silva Graça, comemorando o dia consagrado à festa da família, armou-se uma bela e grande arvore do Natal, abundantemente fructificada em tentadores brinquedos, comparecendo, a convite do sr. Silva Graça, filho, e de sua virtuosa esposa «mistress» Ethel Silva Graça, todo o numeroso pessoal da Empresa d'«O Seculo» e suas fa-

millas, regressando as creancinhas a suas casas, como um bando alegre de avesinhas, radiantes com variadissimas prendas, tão gentilmente «oferecidas», e «os paes profundamente tocados de tão galhardo acolhimento, que vinha avigorar ainda mais os laços de profunda estima e de respeito que os une ao seu diretor e a seu filho.



Um grupo de creancinhas junto da bela arvore do Natal, armada no vasto hall da casa do sr. Silva Graça, filho, e sua esposa, que foram inextinguíveis de atenções tanto para com os pequeninos como para com suas famílias, passando depois todos à casa de jantar, onde lhes foram oferecidos, com encantadora distinção, bolos e *Champanhe*.
(Clichés de Benollet)



NA AULA

Quando a vimos entrar, traje lutuoso,
N'uma dôr que se cala,
Fez-se um silencio de pezar ancioso,
No grande salão d'aula...

«Por quem estás de luto?» meigamente
A mestra perguntou.
«Perdi ha dias, minha mãe». Tremente
A triste soluçou.

«De pé, meninas, fez a mestra. E em meio
Da geral comoção,
Veio abraçal-a muito contra o seio,
D'encontro ao coração!

«Serei eu tua mãe, lhe disse em pranto.
E a orfã respondeu:
«Pois sim, E minha irmã (queria-lhe tanto!)
E tambem me morreu?!»

Olhamo-nos um instante, um instante só
E n'um impulso nobre,
Todas vibrando d'infinito dó
Rodeamos a pobre;

E a que na mãe e irmã roubada fôra
Pelo destino atróz,
Ao sair tinha mãe na professora
E irmãs em todas nós.

CARLOS D'ALCANTARA CARREIRA,

* * * * * TEATROS * * * * *

TEATRO DO GINASIO

O misterio do quarto amarelo

O *Misterio do Quarto Amarelo* é uma peça policial com todas as qualidades e defeitos do genero, um pouco já esgotado em sensações. Aquelles cinco actos são, evidentemente, Rocambolê. Conan Doyle é, com um pouco mais de elegancia e de sabor, o herdeiro de Ponsou du Terrail. Gaston Leroux, o autor da peça, tempera a fantasia do creador de Scherlock Holmes com as suas qualidades eminentemente francezas. Ha no *Misterio do quarto amarelo* situações que são tratadas por um homem de letras—é isso compensa a fórma porque a acção é conduzida, sem surpresas desde o 1.º acto, em que a intriga final se adivinha sem grande difficuldade.



No Republica—A *Caixeirinha*: A atriz Leonor Faria e o ator Henrique Alves. (Clichés de Benolle)

O Ginásio deu-nos, com o *Misterio do Quarto Amarelo*, excellentemente traduzido por Melo Barreto, uma bela *mise-en-scene*. O cenografo Mergulhão tem n'esta peça um dos seus trabalhos mais interessantes. E' um artista que notavelmente se afirma.

TEATRO DA REPUBLICA

A CAIXEIRINHA (La Demoiselle du Magasin)

Paiva, com a sua vernaculidade elegante, traduziu sob o titulo *A Caixeirinha* e que a companhia do Teatro da Republica está agora representando com vivacidade e brilho.

Fui logo lér a peça—e d'essa leitura trouxe, pela frescura do entrecho, pela sentimental dade



No Ginásio—«O Misterio do Quarto Amarelo»: Atores Memonca Carvalho, Pato Moniz, Alegria e Alves da Cunha.

e pelo pitoresco das figuras, pela espirituosa limpidez do dialogo, uma deliciosa impressão. Assisti agora á representação da *Caixeirinha*. Vim encantado. A *Demoiselle du Magasin* é uma comedia temperada por dois paladares delicados para tres horas de ironia e de ternura. O publico d'hoje adora este genero leve, facil, communicativo—e que não é, afinal, senão o romantismo e o lirismo de nossos avós servido discretamente, com elegancia e afabilidade.

O espectador *snob* dos nossos teatros não gosta de chorar, nem de rir. A lagrima e a gargalhada desfiguram os homens, em casaca—e sobretudo as mulheres, em decote. O sorriso é, por isso, a grande expressão do teatro moderno—do teatro que faz carreira universal. *La Demoiselle du Ma*



No Ginásio: «O Misterio do Quarto Amarelo»: As atrizes Zulmira Ramos, Elvira Bastos e o ator Mario Duarte.

gasin é um delicado, um fino sorriso dividido em tres atos.

A peça é de dois belgas, mas de dois belgas parisienses—e d'ela irradiava um perfume de bom senso e de ternura que lembra Pailleron e Capus. Nem malicia, nem maldade. Um pouco de caricatura, um pouco de indulgencia—e essa nota, sempre viva no coração egoista das plateias, da rapariguinha honesta que o amor eleva e recompensa. O espectador, que com o seu interesse ajudou *A Caixeirinha* a triunfar e a amar, sae do teatro com a impressão de ter praticado uma boa acção que, de resto, nada lhe custou a praticar. A imaginação dá-lhe esta doçura de consciencia—e, tendo-lhe proporcionado uma digestão amavel, vae dar-lhe uma noite com sonhos ternos. O publico d'hoje não pede mais—e a *Demoiselle du Magasin* dá-lhe precisamente o que ele pede.

A. DE C.



No Republica—A *Caixeirinha*: Atriz Luz Veloso, Augusto Rosa, Roble Monteiro, que se estretou e Chaby Pinheiro

NOS BASTIDORES DA CANDONGA

O contrabando é um crime? Dizem os codigos que sim. E' no entanto o menos repugnante e o mais pitoresco dos delictos. Não é construido de infamias, tecido com miserias, realisado com baixeiras. O passador de contrabando faz dia a dia mais uso da inteligencia que da espingarda. Os processos dos contrabandistas da «Carmen»—mixto d'assassinos e de ladrões—estão postos de ban-

tagonistas em ardis e prova-se que a maior parte das apreensões é feita por denúncias.

Ha dias, porém, no caso do automovel de «carrosserie» ôca que se tomou nas portas da Buraca, sem a ingenuidade do contrabandista que ofereceu dinheiro ao fiscal a passagem do alcool seria largamente feita.



Um funeral de... candonga

da. Em vez de tiros manhas, em vez de violencias esperteza. D'um lado está o guarda fiscal com a sua autoridade, a sua vigilancia, o seu faro; da outra o contrabandista armado apenas com a sua astucia. Por cada fardo que

D'esta vez foi o contrabandista o menos habil naturalmente por ser um principiante ou um amator. Ponham um velho profissional do contrabando diante de uma mobilisação de companhias de fiscaes e verão se não são estes os logrados ás vezes d'uma maneira tão simples, tão natural, que faz abrir as bocas em pasmos e em risos. E' a historia do ovo de Colombo na maioria dos casos.

Um antigo funcionario aduaneiro teve d'isso a mais cabal prova quando mandou vigiar atentamente por patrulhas dobradas a fronteiras e passou para Bada-joz a comprar contrabando com a condição de lh'o porem em casa. Tratava-se d'um vestido de finissima seda que o contrabandista se comprometeu, com muitos cumprimentos, a entregar á senhora do funcionario. Na fronteira a vigilancia redobrava, abriam-se os olhos, não se dormia. Ao chegar a casa com os beijos agradecidos da esposa o alto chefe fiscal teve a desillusão da sua pericia. O corte de seda, lindo, finissimo, delicado, estava ali na sua frente no cumprimento da promessa do



O cesto engenhoso d'um passador d'alcool

introduz nas barreiras é a liberdade e a vida que põe em jogo. Deve dizer-se que o fiscal raramente eguala os seus

contrabandista.

Mas como fôra aquilo?! Como?! Que cumplicidade havia entre os guardas e os outros? Nenhuma. Horas antes um bando de perús passara a fronteira guardado por homens com compridas canas. Fôra dentro d'uma d'elas, que, cuidadosamente enrolado, passara o côrte de seda.

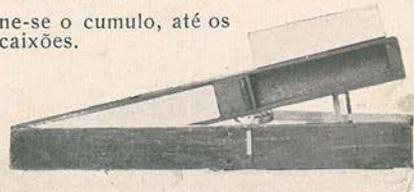
O perú, ave burgueza por excellencia, tem sido—quem o diria!—um grande cumplice de contrabando. Ficou lendaria a partida d'um cocheiro relojoeiro de Lisboa que passou magníficos relógios d'ouro em bolsas atadas sob as azas das aves que d'esta vez tinham razão em serem vendidas pelo preço que nol-as fornecem no Natal... sem o contrapezo dos relógios.



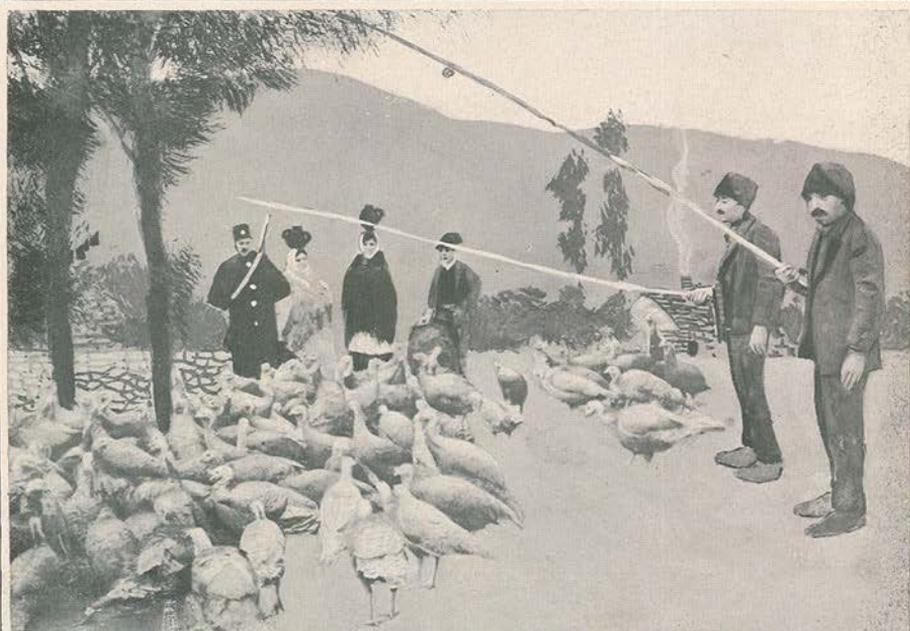
Uma sela que passou muito alcool

Mas não ha cousa alguma que deixe de servir ao contrabandista para o seu trafego. São as gigas com que as peixeiras atravessam as barreiras vendendo a sua sardinha e passando alcool na lata de que elas são formadas; a guitarra de lata com que um pandego vem tocando alegremente; o harmonium que o acompanha; a inofensiva folha onde se traz agua só no meio e em volta alcool; os coletes de folha que se adaptam ao corpo e, imagi-

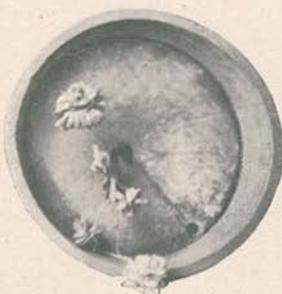
ne-se o cumulo, até os caixões.



A polaina misteriosa fechada e aberta



Um rancho de perus que parecia inofensivo, na fronteira



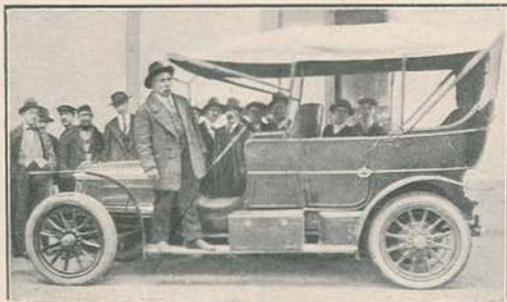
A lata, o harmonium e o vaso truncados para a passagem d'alcool

Em tempos não distantes a uma das portas de Lisboa passou um feretro na sege que conduzia o padre e o sacristão e deante do qual os fiscaes se descobriam respectosamente; depois foi assim passando em todas fazendo entrar em Lisboa grandes quantidades d'alcool porque o caixão não levava outra cousa. Os vigilantes guardas ainda saudavam o... «crime.»

Mas n'esse genero de venias respeitosas a contrabandistas temos as feitas ao official devidamente uniformizado, com o seu ar marcial, envolto no amplo capote da ordenança e que viajava no americano em S. Sebastião da Pedreira ha alguns anos. Os guardas passavam a sua revista e perfilando-se diante do superior pediam-lhe licença para o carro seguir e que ele dava com um aceno de cabeça autoritario e grave. Mas um dia, com grande pasmo dos fiscaes, o militar



Um aspéto do museu da Alfandega no Terreiro do Trigo no qual se expõe as mais engenhosas invenções para a passagem do contrabando.



O automovel em que ultimamente se tentou passar alcool ás portas da Buraca.

ao acenar com a cabeça deixou cair... o bigode. Foi ele que o denunciou. Eis o que se pode chamar, ao pé da letra, um homem bigodeado. A multa que o fisco lhe applicou foi uma ridicula parcela do seu ganho. Quantas cousas de contrabando valioso não tinham já vindo sob aquele capote agaload!

Tambem o carro de bois que passa chiando lentamente guiado pelo agulhão do condutor pôde tanto como o mais complicado engenho, conter o contrabando. Já se apanhou, por denuncia, é claro, um em que o jogo era ôco como as pesadas cantarias que pareciam ser de Montelavar e eram uns belos recipientes de candonga.

No tempo em que os porcos constituíam um importante contrabando houve quem os passasse em dias de Carnaval mortos e mascarados no fundo de carros em volta dos quaes uma multidão foliã bailava diante



Um singular contrabandista: «Dá licença meu capitão»

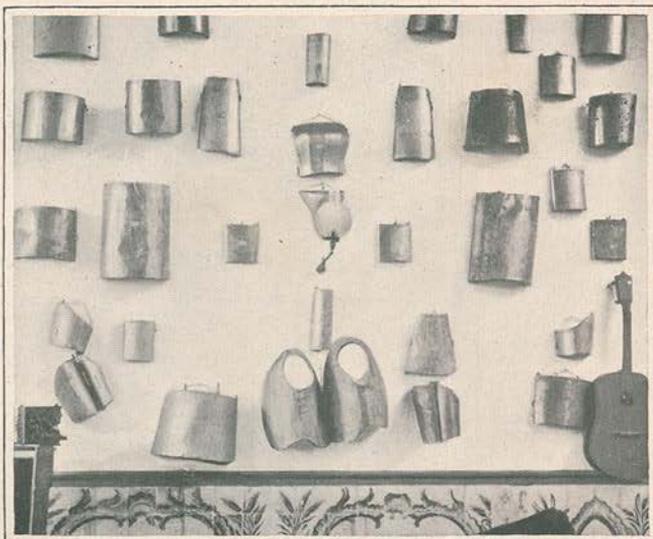
dos guardas que riam a bom rir mal imaginando a peça de entrudo que lhe pregavam mesmo nas suas bochechas autoritárias, assim como houve quem, fardado de policia e conduzindo um preso, fizesse belas passagens de relógios e até de brilhantes.

Qual seria o atilado guarda, o zeloso, o habil e desconfiado aduaneiro capaz d'imaginar que dois policia devidamente uniformizados, levando entre si um homem algemado, eram tres audazes contrabandistas fazendo o seu negocio?!

Exatamente como lhes foi sempre difficil descobrir, sem lh'o denunciarem, os contrabandistas feitos por mulheres.

Umaz vezes é uma ama muito cheia de fitas, de largo avental e de capagarrida trazendo ao colo um pequeno que em vez de fraldas

elegantissimas passando-o nas copas dos chapéus enormes e que são ôcas e de lata, algumas vezes mesmo nos seios que jamais tiveram o desenvolvimento aparentado.



Outro aspéto do museu d'alfandega

leva sob as saias compridas o contrabando; outras, duas senhoras

Conta-se até que uma dama lindamente vestida viajando na

primeira classe de um comboio trazia prega-

cujo lucro vamos dividir—e mostra va-lhe em inumeras a'gibeiras interiores do seu «pardesous» elegante e forte o seu contrabando tão habilmente passado aos d-reitos.

Seria um nunca acabar narrar as alegres e arriscadas aventuras dos contrabandistas, os subtefurgios de que se servem todos aqueles que prégam a sua partida ao fisco e no numero dos quaes figura muita gente de bem. Ha aancia natural de burlar o Estado, pôde dizer-se como um aforismo. Pois não houve já um ministro que passou perdizes e chouri-

das nas saias de baixo, envolvendo-a da barra ao cós riquissimas rendas do melhor lavor e da maior alvura. Na sua frente um homem elegante, vestindo um sobretudo forte, fumava o seu charuto e lia o seu jornal. Quando chegaram á estação e emquan-



1. As cantarlas ócas.—2. Os mascarados de... contrabando.

to cuidadosamente lhes revistava as malas o individuo disse ao ouvido do funcionario aduaneiro:

—Esta senhora traz contrabando debaixo do vestido.

A mulher empalideceu de terror e de colera, lançou-lhe um olhar assassino, ao mesmo tempo que o guarda a conduzia para o posto e agradecia penhorado ao cavalheiro a boa presa que tão generosamente lhe entregava.

Quando a senhora, depois de pagar a multa, saiu, encontrou o denunciante parado na rua a cumprimental-a com o seu melhor sorriso:

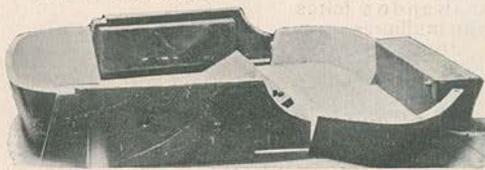
—Miseravel! — gritou no auge da indignação ante aquele descaramento.

Com o mesmo ar, cheio de delicadeza, ele voltou:

—As suas rendas, minha senhora, não valiam metade do que valem estes relógios que aqui trago e

ços aos direitos, um diplomata que passou sêdas, um alto funcionario que passou mobiliario e não serviu tudo isso de pretexto para uma boa gargalhada alegre e sã perante esta eterna cousa que se chama uma boa partida feita ao Estado para nós alguma cousa tão digna de ser ludibriada como para um judeu seria fazer uma travessura a Deus Nosso Senhor ?!

ROCHA MARTINS.



Um leito de coupé óco.
(Clíchê de Benollei).
Desenhos de Stuart, Colomb e Rocha Vieira)

Uma tourada por amadores em Pangim



Grupo de cavaleiros e bandarilheiros: no primeiro plano da direita para a esquerda: srs. Tarquino, Neves, Galito, Vieira e Gabriel. 2.º plano: Silva, Azia Coelho e Carmo.

O português ama os exercícios de destreza e de bravura, folga em mostrar valentia e toda a história do desporto nacional o marca exuberantemente.

No passado eram as justas, os torneios, os choques de homens armados encontrando-se pesadamente mas com elegancia, armadura contra armadura, eram os exercícios de cavalaria arriscadissimos em que se montavam os mais fogosos cavalos guiando-os ás vezes só com uma fita de seda presa na lingua, eram as corridas de touros em hastes limpas em que se divertia a nobreza e o povo.

E' esse o exercicio que tem ainda maior culto e mais amadores



Os amadores que tomaram parte na corrida: 1.º plano da direita para a esquerda: srs. Pereira, Azia, Coelho, Silvestre, Neves, Suspro, Gabriel e Tarquino, 2.º plano: srs. Frazão, Pereira, Antunes, Henrique Miranda, Guimarães Silva, Lopes e Joaquim. Deitado o sr. Silva que fez parte da troupe de Pae Paulino.

que se lhe devotem, sendo alguns d'elles verdadeiras notabilidades em qualquer genero de toureiro.

Mesmo na India portugueza, em Pangim, se formou agora um grupo destinado a cultivar esse desporto nacional tendo c.nstruido uma praça onde realizaram uma corrida por todos os motivos notavel.



Sr. José da Silva Suspro, director da corrida e 1.º cabo artilheiro, sr. Jeremias Fonseca

Terras de Lafões: Vouzela

Agora que está em via de conclusão o caminho de ferro do Vale do Vouga, devendo inaugurar-se toda a linha, desde Aveiro a Vizeu, por todo o mez de Janeiro proximo, vae em-



Sul) aquella que oferece mais deliciosas e idilicas paisagens com o cenario fantastico das suas serranias e as sombras misteriosas dos seus vales verdejantes.

Foin'ela que

Vouzela: a ponte inaugurada ha poucos dias



Moçoila do campo

dade vegetativa. Entre as terras que constituem a região de Lafões é Vouzela, a antiga vila cuja fundação se perde na noite dos tempos (ue fica entre as comarcas de Oliveira de Frades e S. Pedro do



Tipos populares:
Os Irmãos «seguintes»
da Feira

fim ficar em fôco a região de Lafões, que bem pôde chamar-se a Suíssa luzitana pela magnificencia da sua natureza d'uma extraordinaria feraci-

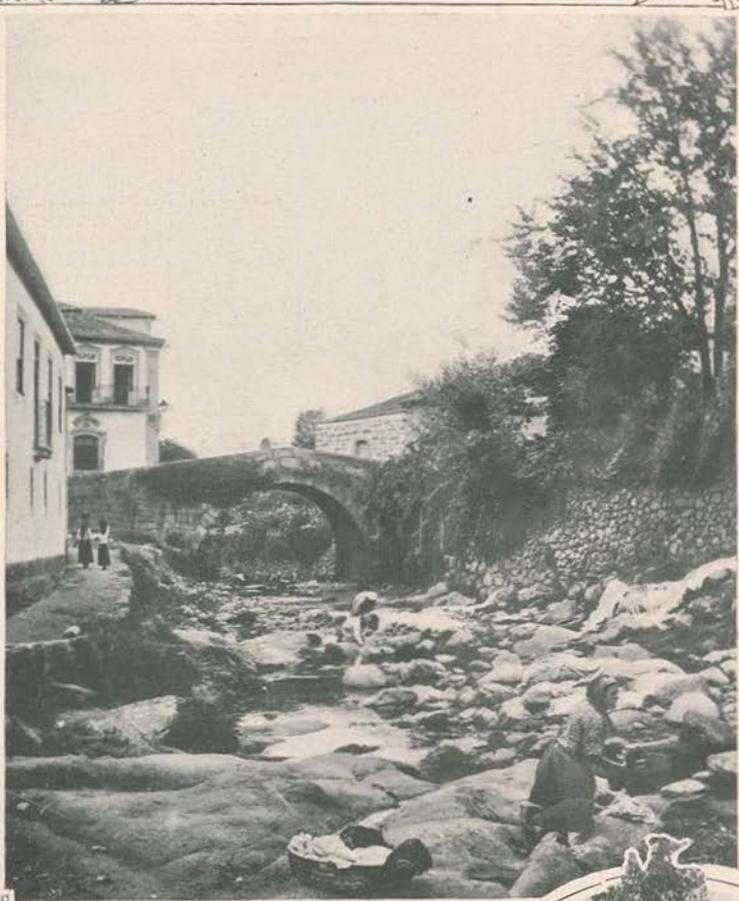


O mercado semanal de gado.

deslisaram em longinquos tempos os melhores dias da minha alegre mocidade e talvez por lhe querer muito é que os meus olhos a vêem exageradamente bela, imaculada,

D'alia vista perde-se nos imensos horizontes e o nosso espirito como suspenso pelas azas d'um aeroplano recebe impressões que difficilmente póde comunicar.

Vê-se toda a pitoresca natureza beirão com os seus acidentados de montanhas asceticas, escilvadas e nuas que, na orla do horizonte semelham os dorsos colossaes de dormedarios anti-diluvianos; os vales luxuriantes manchas enormes de maciços de florestas; povoações alvejantes entre as esmeraldinas verduras dos prados;



Ponte sobre o Zela

pura, e sem rival na terra portugueza. E' que Vouzela é um imenso relicario que encerra no seu seio joias naturaes de incalculavel valôr!

Pela sua especial posição topografica possui excelentes pontos de vista, sendo notabilissimos os da Senhora do Castelo a 15.000 metros acima do nivel do Vouga e os do Outeiro do Gamardo a 800 metros d'altitude.

Do monte do Castelo, coroado pela pequena ermida da invocação da virgem do mesmo nome, logar a que se prende uma deliciosa lenda em que é protagonista o famigerado Cid Alafum—o genio das montanhas—observa o forasteiro extasiado o mais empolgante panorama que é dado vêr a olhos de mortaes.



Margens do Vouga



Estatua de Moraes de Carvalho.

rios serpentean- do como enormes listas argenteas; todo um conjunto pitoresco envolvido n'uma grande policromia de tons, de côr, de luz e de perdão.

Nada mais bello, nada mais extraordinario!

A vila de Vouzela de ha um tempo a esta parte tem progredido mui-

to, notando se novas edificações e estabelecimentos comerciais com todo o gosto moderno. Com o novo caminho de ferro está-lhe destinado um largo futuro e é justo que assim aconteça, pois infelizmente tem sido uma das terras mais desprezadas pelo poder central, especialmente no tempo do deposto regimen em que só se cuidava d'uma politica réles de que provinha o entorpecimento de todas as forças que deviam atuar no desenvolvimento local.



Margens do Vouga



teça, pois infelizmente tem sido uma das terras mais desprezadas pelo poder central, especialmente no tempo do deposto regimen em que só se cuidava d'uma politica réles de que provinha o entorpecimento de todas as forças que deviam atuar no desenvolvimento local.

JOSÉ OSÓRIO.



3. Casa da Cavalaria onde nasceu D. Duarte d'Almeida «O Decepada»—4. Um «pic-nic» no Castelo. (Fotografias do autor)

Plantas carnívoras

Ninguém estudou botânica, muita ou pouca, que não fixasse os nomes da *mimosa pudica*, ou sensível, e da *apanha moscas*, sob o dístico latino de *dionaea muscipula*, como exemplos de irritabilidade vegetal, salvo o devido respeito pelas funções privativas dos nervos. A primeira, de uma requintada susceptibilidade feminil, por assim

cios, com as mesmas torturas. As suas folhas teem a forma de urnas, terminadas pela parte superior por uma especie de tampa, e segregam no interior um liquido assucarado, que é a perdição dos insetos, sobre tudo das lambareiras das moscas. Poisam elles na borda da urna, descem estonteados pela guloseima e ficam pre-

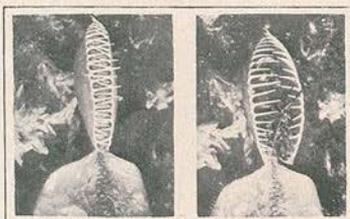


A folha aberta da «apanha-moscas» atráe o inseto com a cor viva do seu limbo

dizer, mal lhe tocam nas folhas, estas dobram os limbos e descaem-lhes os peciolo, encostados ao ramo, n'um movimento de desalento, como se fossem feridas de morte; a segunda, apenas lhe pouxa um inseto, atraído pela cor vivamente encarnada das suas folhas, estas fecham os seus dois lobulos, guardnecidos de cílios, a que tambem chamam dentes, espinhos, etc., prendem-no, apertam-no, asfixiam-no, e, por fim, tornam a abrir as tenazes, deixando cair o bichinho, sugado de liquidos, como se o tivesse chupado uma aranha!



Apanha-moscas



1. Mal o inseto lhe toca a folha fecha os seus lobulos dentados e prende-a.—2. A apanha-moscas digerindo a sua presa

so apenas tocam no liquido, ligeiramente viscoso, não tardando a afogar-se.

Como a sarracenia, ha a *nepentha*, afamada parenta da *dionaea*, que se cria belamente em suspensões e é muito apreciada como decorativa. Nas estufas do jardim da Escola Politecnica ha magníficos exemplares.

As folhas terminam por uma urna, tambem munida de tampa, e segregam igualmente um liquido assucarado, mas ligeiramente ácido e muito limpo, em que os viajantes da Asia Tropical, onde ella abunda, encontram um delicioso recurso

É a *dionaea*, cujo talo se ergue com elegancia, ostentando na extremidade um corimbo de flores brancas formosissimas, tem, em geral a sua familia, a das *droseraceas*, uma fama detestavel de traiçoeira e de carnívora. D'essa má fama, d'essa aberração desonrosa, tambem partilham algumas plantas das familias das *saxifragaceas*, *nepentaceas* e *sarraceniaceas*; mas, que apanhem a vitima, como uma ratoeira apanha o roedor, e que lhe arrojchem o arcabouço até matal-a, só a *dionaea* tem esse papel antipático de algoz.

Ha, é verdade, a *sarracenia*, originaria da America do Norte, como a *dionaea*, mas muito mais linda e ornamental do que ella, e que tambem apanha insetos a valer; não é, porém, com os mesmos malefi-



A sarracenia



A darlingtonia californica



Uma viçosa «Nepentia» na sua suspensão

para matar a sede e os indígenas uma panacea para varios males. Não sei mesmo se é a esse liquido que se refere Homero, afirmando que o *nepentia* (sem dôr) é uma bebida magica, remedio seguro contra a tristeza e a colera; o que sei é que os insetos, conforme acabo de examinar, encontram n'ele a morte e a destruição, não podendo tornar a sair, mesmo que não cheguem ao liquido, porque os bordos das urnas são guarnecidos de cilios ou pêlos, enristados para dentro como os arames da boca de uma ratoeira.

Parecidas com estas, ainda ha duas plantas: a *cephalotus foliicula*, is, saxifragacea, originaria da Nova Hollanda e a *darlingtonia*, da California, sarracenacia. A *Cephalotus* é curiosissima; tem duas especies de folhas, umas ovaes e pecioladas; ou-

A tampa levanta ou baixa conforme o grau da humidade da atmosfera; tem o seu què de barometro. O interior da urna encerra um liquido, mais ou menos lim-

po e de um sabor adocicado, que uns attribuem á agua da chuva, mas que sem duvida é segregado pela propria planta. As folhas da *darlingtonia* dilatam-se na parte superior e afunilam-se para baixo, recurvando na extremidade como um capuz e possuindo tambem no bórdo uma especie de tampa que impede a fuga dos insetos.

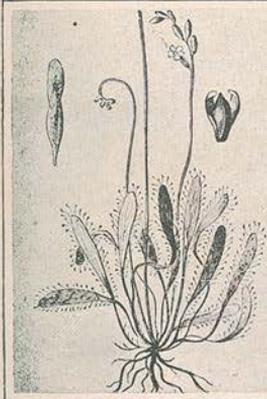
Escusado é dizer que em Portugal se dão ao ar livre, ou em estufa, uma grande parte d'estas plantas, originarias de outros paizes, e até possuimos sob o nome vulgar de *rorela* ou *oralhinha*

uma *droseracea*, que, embora irmã da diónea, não tem engenhos apreensores como ella, nem falsos alcapões, como outras nas suas urnas. E da mesma familia temos uma tipicamente portugueza. É a *herva pinheira oralhada*, a *drosophyllum lusitanicum*, que todo esse paiz conhece, com as suas



Uma folha da «Nepentia»

flores amarelas, grandes, dispostas em corimbo a trazendo nas duas faces numerosas glandulas de secreção continua. Afirmam os botanicos que as folhas não tem movimento, mais que a quantidade de materia viscosa,



«A rorela» (Drosera Longifolia).



«A pingücula orchifolia».



«Cephalotus follicularis»

tras, com a fórma de urna, provida de uma tampa; urna bojuda, alada, tendo na abertura umas excrescencias que tornam impossivel a saída dos insetos.

que as reveste, é tal que os insetos ali são presos, mortos e digeridos.»

Chegou a altura de reproduzirmos aqui o protesto

de respeitáveis autoridades contra a denominação de *carnívoras* dada a estas plantas, desde a *anha-moscas* á *hera pinheira*. Nem mesmo *insetívoras* se lhes pode chamar, porque ellas não devoram com as folhas coisa alguma, quer seja um pedacinho de carne, quer seja um inseto. Perdõem-nos Darwin e Hooker. Deixaram-se eles ir atrás da afirmação de *miss Mary Treat* de que a *ultricularia clandestina* até mudava a forma das suas acídias, deprimia-se para atrair pequenos animaes na sua cavidade,

fechando-se depois sobre a vítima e digerindo-a, e não houve coisa que elles não descobrissem contra os créditos das pobres plantas. Até pedaços de carne lhes puzeram sobre as folhas e ellas cobrindo-os do seu liquido, que tinha a perfeita função do suco gastrico, devoraram-lhes a sustancia com uma sofreguidão incrível! E mais longe chegou a convicção de Reers e Will que afixaram ter a *drosera* de folhas redondas digerido em 24 horas um pouco de fibrina, tratada pelo acido chlorídrico e depois lavada, comida forte de mais para a diónea, que não foi capaz de digerir-l'a!

Não se tendo demonstrado ainda que as folhas das plantas, no seu estado normal, absorvam sequer a agua em contacto com ellas, não é admissivel que o façam a um liquido gelatinoso com a função de agente digestivo. Que o facto se dá, não ha duvida: as plantas conhecidas por *carnívoras* atraem e apanham os insetos com as suas tenazes, as suas urnas, prendem-nos na viscosidade dos seus liquidos, afogam-nos e destroem-nos, como se de todas estas operações curiosissimas tirassem um proveito immediato para a sua economia organica.

Não se prova, porém, que o tirem, ou ao menos se explica como ellas fazem a absorpção do que se pretende dar-lhes proveito. As mais rigorosas analyses não tem achado a menor relação entre a sua nutrição e o numero de insetos que morrem nas suas folhas, mais ou menos engenhosamente apanhados. Não se demonstrou até hoje, cremos, que essa absorpção de um alimento albuminoide dê mais vigor á planta, ou que a privação de um tal recurso alimentar lhe atraze o crescimento ou se faça sentir de qualquer outra forma prejudicial.

Temos, a este proposito, alguns casos interessantes que se dão com algumas *pinguiculas*. Enquanto umas caçam muito pouco e gosam bela saude, apresentando magnifico desenvolvimento; outras, que são grandes caçadoras e tem sempre as folhas carregadas de despojos animaes, apresentam-se delinhadas, mirradinhas...

E' verdade que talvez pudessem aqui caber as doutas e severas observações do dr. Felix sobre as ruinosas consequências da superalimentação, da glotonice, do abuso da carne, etc. applicadas ás *pinguiculas*, que, se não tem alma, como quer *Boscortwiz*, podem ter órgãos e funções analogas ás dos animaes e, por conseguinte, appetes desregrados e funestos.

Mas não me parece que das asserções contraditorias sob o assunto, firmadas de um lado e outro por sabios de pulso, sobrelevem



Mr. Henri Navel, distincto chefe do jardim botânico da Escola Politécnica e do Jardim Colonial, a quem devemos a gentileza dos clichés para este artigo.

as dos que sustentam a *carnívoridade* das plantas, até no *Coqueiro de Venus*, onde as moscas pousam como que embriagadas e ficam imoveis, morrendo ao cabo de algumas horas e tornando-se completamente secas.

O liquido das plantas *carnívoras* não tem ação digestiva e, segundo afirma o prof. Nordstedt, nem é o resultado de uma secreção; mais simplesmente analogo a mucilagem, produzida pela gelificação de certas paredes celulares. E com elle afirmam outros que a destruição dos insetos é devida ás *bactérias* e *micodermas* contidas n'esse liquido; trata-se pura e simplesmente do fenomeno geral da putrefacção. Se um inseto, um bocadinho de carne fresca, sofrem uma rapida alteração quando se colocam sobre as suas folhas, é pelo efeito de uma pronta decomposição. E tanto assim é, que, tratando previamente a carne por uma substancia antiseptica, podem deital-a-nos mais appetitosos bocadinhos á diónea, á *sarracenia*, á *pinguicula*, que não ha sucos que entrem com ella. Fica absolutamente inalteravel. Vê-se, pois, que, se estas plantas se reabilitam da fama desagradavel de *carnívoras*, não lhes vae melhor a idéa da pavorosa aluvião de microbios e de *criptogamicas* que destroem desalmadamente os pobres insetos que pousam n'elas, atraídos pelas suas cores vivas e engodados pelas docuras dos seus sucos. A. M. F.



A herva pinheira orvalhada (*Drosophyllum Lusitanum*).

A Camara Portugueza de Comercio Industria e Arte de S. Paulo

Os seus fins. A sua instalação.
A sua inauguração. A chegada do embaixador. Os officaes do ADAMASTOR assistem á esplendida festa. Regosijo da Colônia.

No dia primeiro de Dezembro, a gloriosa data nacional, com a assistencia do embaixador portuguez e dos officaes do *Adamastor*, inaugurou-se na esplendida capital do Estado de S. Paulo, no Brazil, a Camara Portugueza de Comercio, Industria e Arte, d'aquella cidade.

Da sua instalação, que é magnifica; da sua festa de inauguração, que foi bellissima, da acolhida feita ao nosso illustre embaixador, que foi carinhosissima e entusiasta são testemunhos eloquentes os clichés que acompanham esta noticia.

Não nos demorem, pois a narra-las e passemos já a falar da ação d'essa Camara, que já se tem feito sentir simpaticamente, e mais amplamente se fará sentir agora que, oficialmente inaugurada e de excellentes estatutos aprovados, vai dilatar n'uma soberba utilidade, o seu largo raio d'altruismo, de patriotismo e de beneficencia.

Colhâmos dos seus estatutos os artigos capitaes, para que os leitores da *Ilustração Portugueza*, recebam a impressão exata do papel importantissimo que ella já está desempenhando como elemento valioso para a reciprocidade de relações entre Portugal e o Brazil.

«Defender e promover as relações commerciaes, industriaes e artisticas entre Portugal e o Brazil;
Representar e defender os interesses das classes que a compõem.



1. Sr. Tomaz Saralva, presidente da Camara de Comercio.—2. O edificio da Camara Portugueza em S. Paulo.



O embaixador, officaes do «Adamastor» e os convidados

Tornar conhecido aos seus socios e em Portugal o estado da legislação commercial do Brazil inclusive as tarifas das alfandegas e as modificações que n'elas sejam feitas;

Informar os diferentes processos de compra e venda, denunciar as fraudes, contrafações e usurpações de marcas que possam ser cometidas em prejuizo do comercio portuguez;

Interessar-se pela colocação dos portugueses desempregados;

Promover a criação e desenvolvimento de escolas, sociedades beneficentes e de socorro mútuo;

Procurar conciliação nas questões comerciais, servindo de árbitro entre portugueses e entre estes e estrangeiros;

Manter na cidade de S. Paulo uma exposição permanente de produtos portugueses;

Organisar e publicar estatísticas que interessem ao commercio e industrias portuguezas nas suas relações com o Brazil e um boletim em que se registem todas as informações que interessem ao fim da associação;

Trabalhar no estudo da navegação entre Portugal e o Brazil, auxiliar o seu estabelecimento e quando levada a efeito promover o seu progresso;

Organisar o cadastro das forças portuguezas no Estado de S. Paulo



Esforçar-se por agremiar todos, ou o maior numero de portuguezes podendo constituir anexo á Camara um centro da colonia portugueza, onde esta se reuna em instrutivos, uteis e agradaveis passatempos.

Esforçar-se-ha tambem por que se criem bancos com capitães portuguezes que aqui teriam larga remuneração e colocação facil, á semelhança dos outros paizes cujos estabelecimentos bancarios tem auferido grandes lucros, embora as colonias respectivas sejam muito menos importantes.»

Com este magnifico programa, com dirigentes para realisar-o como o seu dignissimo presidente, o sr. Tomaz Saraiva, uma das mais altas capacidades commercias do meio, secretario Guedes de Amorim, tesoureiro Rui Barbosa e os srs. Pereira Coutinho, Silva Ferro, e Alberto de Sousa, Pereira Tocho, Santos Baro



1. A marcha «aux flambeaux» em honra do embaixador, organisa da pelo centro republicano portuguez.
2. A multidão aguardando o embaixador sr. dr. Bernardino Machado.



sa e outros conceituados membros da sua direção; como os srs. Garcia Nogueira, Manuel d'Almeida Guedes, Joaquim David Galheto, José Monteiro Pinheiro, Lucio Antunes dos Santos, Feliciano Cerveira de Melo, Costa Nogueira, Souza Carneiro, Jaime Loureiro, Martins Costa, R. Sucena & C.^a, Eduardo Cunha, J. Moreira, Joaquim Lopes Lebre, dr. Ricardo Severo, etc., etc., que espontaneamente puzeram o seu valioso concurso moral e monetario ao

serviço da Camara de Comercio, o desempenho d'esse alto programa está absolutamente assegurado e os beneficios que Portugal e a colonia portugueza de S. Paulo, d'ahi auferirão, hão de ser, sem a menor duvida ou receio, os mais proficuos.

A *Ilustração* que conta entre os citados, numerosos amigos, faz os votos mais fervorosos pela prosperidade e pelos triunfos indubitaveis da já importantissima Camara Portugueza de Comercio.

JOSE SIMÕES COELHO



1. O sr. dr. Bernardino Machado, embaixador portuguez cercado dos membros mais proeminentes da colonia portugueza de S. Paulo que lhe ofereceram um banquete.—2. O banquete oferecido ao embaixador portuguez pelos membros da colonia portugueza de S. Paulo.—3. Um aspéto do banquete.

Desportos d'Inverno

O inverno! E' um tirar que ele evoca com os seus frios horriveis, com as suas nevadas bruscas que amortalham os campos em lenções alvissimos. Lisboa raramente vê nevar e quando alguma geada cae depressa se confunde com a lama pegajosa; no norte e na Beira as arvores teem pingentes de neve, os telhados das casas desaparecem no seu manto immaculado, os concavos das serras parecem planos e nos pincaos ha tonalidades fantasticas d'arco iris quando a luz os toca.

Durante essas nevadas rijas o portuguez tiritita ao pé da brazeira na casa pouco comoda para os fuores d'uma larga invernia; recolhem-se os gados aos apriscos, não se vê viv'alma fazendo da neve um uso util, deslizando sobre ela como succede n'outros paizes on-



Um lindo grupo na gelaíra.

de ha o desporte da patinagem e outros exercicios de que a neve é o pretexto. As creanças mesmo raramente aparecem fazendo com o gelo os seus grandes bonecos que depois são despedaçados em riço troteio de bolas de neve como succede com os pequenitos alemães, francezes e suissos afeitos ao frio e tirando d'ele um proveito.

O gelo tem a sua grande utilidade em massas enormes para os desportos que praticam os povos do norte em larga escala e que os francezes, n'um *chic* supremo, utilizam com a graça que põem em todos os seus atos desde

que teem um publico. E os patinadores em França teem-no e numeroso como de resto succede na Suissa, nas regiões agres-



Um trenó em Chamorix



Um momento de descanso no gelo

tes em que se praticam todos os desportos para que o gelo é a materia necessaria.

Os povos do norte, com a sua ginastica higienica, souberam transmitir aos outros, onde o inverno não tem rigores laponicos, os seus sports necessarios ás existencias.

A Dinamarca por exemplo exportou o «ski» que os seus soldados especiaes denominados, «skiérs» usam para poderem

caminhar rapidamente sobre a neve. E' o que os «touristes» nas regiões dos gelos, nas vilgieturas «chics» da Suissa e

já mesmo em França usam nas suas corridas sobre a neve, tanto como o vulgar patim. O «ski» não é senão um patim mais comprido, dois a tres metros, com a largura de dez centimetros e a espessura de tres todo fabricado d'uma lamina de madeira chata. A ponta é ligeiramente recurva.



Os primeiros passos na geleira.



1. Ensalo difícil.

Os «skiers» apenas tem como outro auxiliar um pau ferrado e assim armados podem andar dez kilometros por hora havendo porém quem corra vinte e mesmo n'um dia duzentos e vinte. As descidas então são por vezes maravilhosas chegando alguns profissionais a darem em lugares, onde se faz uma especie de trampolim natural, pulos



de vinte, trinta e quarenta metros.

O que é hoje um desporte «chic» não ha a'deão norueguez, sueco e dinamarquez que não o pratique. Mesmo as mulheres e as creanças fazem essa extranha patinação n'uma tradição vinda do tempo de Gustavo Adolfo. A Russia tambem tem os seus soldados especiaes que percorrem os gelos assim calçados, bem como os que conduzem os trenós—hoje base de outro desporte «chic»—nas neves si-



2. Como bêbê que se familiarisa com o gelo.
3. Depois da corrida—(Glichés Chusseau Flaviens)

berianas. O carro que serve ao aldeão russo para os seus transportes não é bem a carruagem empregada para conduzir sobre a neve as lindas mulhe-

os homens a força e a destreza e as graciosas creanças a nota mimosa com as suas carnes rosadas.



Um desafio: Antes da corrida.

res friorentas nas suas zibelinas raras mas sim carros ligeiros, luxuosos, os mesmos que os «boyardos» usavam nas suas corridas para as terras onde os «moujiks» os esperavam de joelhos e que ainda hoje percorrem essa Russia misteriosa apesar da sua revolta nihilista e da sua duma.

A esta hora por todas essas regiões de vilegiaturas aristocraticas, mesmo nas esplanadas dos casinos e n'algumas pistas elegantes por essa Europa fóra se vão praticando esses desportos do norte — os desportos do frio — em que as mulheres dão a graça



Uma volta de valsa.

Figuras e Factos



D. Antonia de Bragança era filha de D. Maria II, contava 68 anos e casou com o príncipe d'Hohenzollern sendo por consequência tia-avó do ex-rei D. Manuel II ha pouco consorciado com Augusta de Hohenzollern neta da princesa que faleceu ha dias no castelo de Sigmarigen.



O escritor Claretie falecido em Paris deixou uma obra volumosa e original, foi membro da academia Franceza e director da Comédie tendo entre os seus livros alguns d'uma celebridade europeia como: *Le Prince Zilah*, *Une Drolese*, *Vie à Paris*, *Camille Desmoulins*, admiraveis d'observação, de vida e primorosos d'es tilo.

1. A Infanta portugueza sr.^a D. Antonia, mãe do príncipe Guilherme de Hohenzollern, e falecida ha dias em Sigmarigen.—2. O casamento da sr.^a D. Maria Isabel Mayer, filha do sr. Carlos de Lima Mayer com o sr. dr. Rodrigo Ayres, filho do distinto escritor Cristovão Ayres, na igreja da Estrela. A saída dos noivos.—3. O illustre escri-



tor Jules Claretie da Academia Franceza e administrador da Comédie, falecido em Paris.—4. No casamento do sr. dr. Rodrigo Ayres: O sr. Oscar Zenha e madame Cristovão Ayres.—5. O irmão do noivo, sr. Cristovão Ayres, filho, e madame Ulrich, saindo da igreja. («Clichés» Benoliel)



No dia da festa da Associação Protetora da Primeira Infancia. O Chefe de Estado com o provedor da assistência publica, ministros da guerra e do Interior á porta do edificio.

A Associação Protetora da Primeira Infancia, realizou a festa annual com a assistencia do Chefe do Estado sendo distribuidos enxovaes ás creancinhas suas pupilas, assim como premios ás mulheres que mais belo aleitamento deram aos pequenitos.



1. Sr. dr. José de Melo Saraiva, falecido em Lisboa.—2. Alferes sr. Manuel Martins, falecido em Lisboa.



Caminho de ferro de Vale de Vouga: A ponte de construção original cujo vão é de 53 metros a que foi assente em dois rochedos das margens do Vouga entre S. Pedro do Sul e Vouzela, («Cliché» do distinto amator sr. J. M. Batalha.)

Perfumaria Mimosa



Sr. Antonio de Sena Azevedo

A *Perfumaria Mimosa* que abriu ha dias na rua do Ouro, 102 e 104, tornou-se já o ponto de reunião das mais elegantes senhoras da nossa sociedade que ali vão, entre o luxo da instalação verdadeiramente notavel, fornecer-se das mais finas essencias, das mais belas

marcas de cremes, loções, aguas de «toilette» chegadas de toda a Europa para aquele novo estabelecimento.

Os seus proprietarios srs. Antonio de Sena Azevedo e Mario Machado quiseram que a *Perfumaria Mimosa* se tornasse n'um motivo decorativo e não se pouparam a esforços e a despezas realizando esse desejo. As portas são a branco e ouro; a branco e ouro a armação da casa, as vitrines, nas quaes resaem os lindos frascos dos mais exóticos aos mais adoraveis feitos, contendo as essencias preciosas

que dão á mulher um segundo encanto; onde se mostram as caixas magnificas do pó d'arroz e a surpreendente marca da Veloutine Roxa, a ultima novidade de Paris e que as elegantes lisboetas já adotaram.

E' essa a grande moda hoje lançada e que dá aos rostos tons delicados, aveludamentos doces e em parte alguma, como n'este estabelecimento que embeleza a rua do Ouro se encontra em tanto esmero de fabrico e em tão excelente apresentação a roxa veloutine que é da ultima invenção franceza.

Ficou pois Lisboa com mais uma bela loja, verdadeiramente elegante, o verdadeiro *bijou* cujas montras, são uma tentação e cujos preços são os mais razoaveis dentro do supremo grau d'elegancia e *chic* dos excelentes productos



Sr. Mario Machado



Um aspêto do Interior da perfumaria



As vitrines da «Perfumaria Mimosas»

que vendem os srs. Azevedo & Machado
que bem dignos se tornam da estima pu-

blica pela beleza do estabelecimento que
fundaram.



Outro aspêto do interior da perfumaria

A GARAGE-PALACE

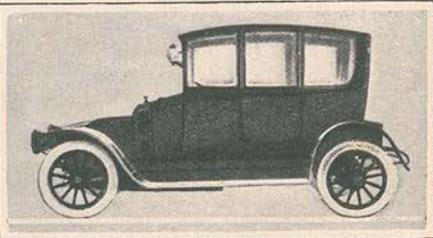
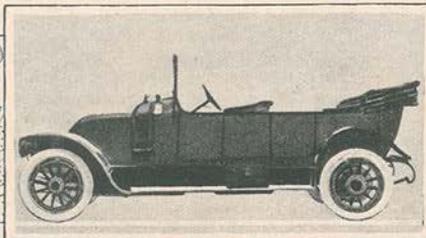
O automobilismo tem-se desenvolvido na capital do norte d'uma maneira notavel.

Apesar das ingremes rampas, das ruas tortuosas que possue a laboriosa cidade e das horribes estradas que conduzem aos seus adoraveis e pitorescos arredores, ella é, relativamente a sua população, segundo uma estatistica ha mezes publicada n'um jornal francez, a que na Europa possue maior numero de automoveis em circulação.

e amplo edificio que occupa o angulo da Avenida Rodrigues de Freitas e rua do Duque de Saldanha.

A *Garage-Palace* traz o seu nome ligado á famosa marca de automoveis «Charron Limited» que representa em Portugal e colonias e é uma das que mais successo tem feito no nosso paiz, pelas suas magnificas qualidades de resistencia e regularidade.

Vem a proposito dizer que um dos mais illustres



O logar de destaque que o Porto occupa perante o mundo automobilista deve-se, em grande parte, a uma pequena meia duzia de homens, entre os quaes se conta o nome do nosso prezado amigo sr. João Garrido, proprietario da *Garage Palace*.

Desde 1891, ano em que fundou o seu estabelecimento, aquelle nosso amigo tem consagrado á propagação do automovel todo um trabalho persistente quasi audacioso e uma atividade ainda não egualada.

A sua arrojada iniciativa devem os *sportsmen* portuenses ter visto a primeira motocicleta que veio para Portugal e, se não estamos em erro, o primeiro automovel que *rolou* por terra luzitana.

Sem um desanimo, vencendo todas as difficuldades d'um meio ingrato para a realisação do seu programa, João Garrido ao cabo de alguns anos era obrigado, pela expansão da sua casa commercial, a fazer construir a *Garage Palace*, o elegante

criticos da especialidade, referindo a concepção e fabrico do «Charron Limited» escreveu que para a esplendida marca, conhecida em toda a Franca pela marca do *Grand Monde*, eram bem attribuidas as seguintes palavras que Bandry de Jacelnier consagrou ao automovel:

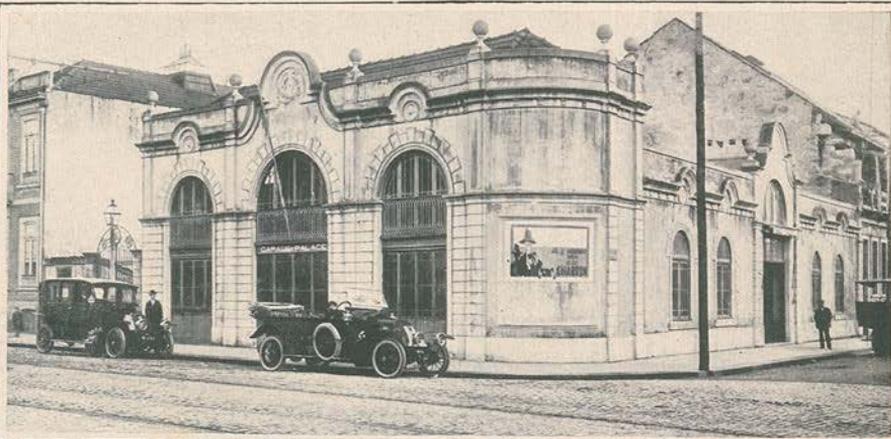
«O automovel foi inventado para melhorar as condições da nossa existencia; para diminuir a distancia das *flages*; para nos tornar independentes dos horarios e, finalmente, para termos sempre á nossa disposição um pequeno *sud-express*»

Assim é com effeito.

O «Charron» d'uma simplicidade nunca excedida por outras marcas e d'uma resistencia ainda não egualada, e um automovel de absoluta confiança, com o qual se pode contar inteiramente.

Mas, mais eloquente que as palavras de Bandry é o testemunho dos possuidores da famosa marca que ás suas qualidades tecem o mais caloroso elogio.

BOTELHO DE SOUZA



1. Um torpedo Charron da casa Garrido.—2. Um «limousine» da mesma casa.—3. Frontaria da Garage-Palace.

(«Clichés» da photographia Medlna.)

E' facil

impedir

a queda

do

cabelo

— *Basta que os*

descrentes

e os

desiludidos

Respondam
às
seguintes perguntas:

*Sofre de alguma doença?
E' nervoso?
E' anemico?
Que idade tem?
Desde quando lhe caem os cabelos?
Tem peliculas, ou caspa?
Os seus cabelos são oleosos?
Os seus cabelos são sécos?
Que applicou ao seu cabelo e o quê?*

A maior parte das pessoas que vêm cair os seus cabelos não sabem que a culpa d'isso é quasi sempre sua. O grande motivo d'essa queda é a falta de hygiene apropriada. Supõe-se geralmente que basta lavar a cabeça para se conservar um bom cabelo. E o cabelo enfraquece, cae aos poucos, vae desaparecendo e quando um dia se olham ao espelho encontram-se inteiramente calvos. Os cabelos precisam ser tratados e cuidados convenientemente; e ao menor aparecimento de caspa, peliculas, gordura, etc., deve-se procurar logo impedir a continuação de taes coisas, pois elas são sinaes evidentes do mau estado do cabelo. Mas não convem aplicar e usar o primeiro produto que nos apparece á vista. E' necessario saber primeiro o que se tem, para praticar em seguida uma hygiene apropriada e que dê o resultado que desejamos.

Isto, *que é indispensavel*, é que nós vamos pôr á disposição dos nossos leitores e do publico em geral.

Depois de prolongados estudos e numerosissimas experiencias a que procedemos, estamos habilitados a dizer a toda a gente o motivo porque o cabelo lhe cae e o que deve fazer para lhe impedir a queda. Responderemos na volta do correio a todas as perguntas que nos façam sobre a queda do cabelo, desde que nos dirijam em carta, acompanhada d'uma estampilha de 25 réis, as respostas ás perguntas que acima fazemos.

As cartas devem ser dirigidas a *M.^{me} Carvalho*, secção C, *Escritorio de Encemendas do «Suplemento de Modas & Bordados», Rua Ivens, 31, 1.^o—Lisboa.*

Não se trata d'um reclame; trata-se d'um valioso serviço prestado a todas as pessoas que desejem evitar a queda do cabelo.

Cold-Crème Albert Simon

Com sello VITERI. O mais perfeito artigo de toilette, brancieia, perfuma e amacia a pelle. Tira os cravos, pontos negros, borbulhas, cieiro, panno, vermelhidão, etc.

Pote 800 réis. Meio Pote 600 réis. Para tôra acrescem os portes.

PEDIDOS AO DEPOSITO:

VICENTE RIBEIRO & C.^a — 84, Rua dos Fanqueiros, 1.^o — LISBOA



CÓRTE ESTE COUPON E REMETA

CRUZEIRO DO SUL

COMPANHIA DE SEGUROS DE VIDA

Caixa Postal 1064 Rio de Janeiro

PARA OBTER OS DEVIDOS ESCLARECIMENTOS

O futuro da familia pôde depender desta consulta

Meu nome

Residencia

Edade anos. Posso dispender anualmente (sem sacrificio) Rs.

de de de 191

ULTIMA INVENÇÃO NORTE-AMERICANA

LUZ A GAZOLINA



Wigard

UNICA QUE ACENDE COM UM FOSFORO COMO O GAZ E TENDO UM PODER ILLUMINANTE DE 500 VELAS, APENAS CONSUME UM LITRO DE GAZOLINA EM 24 HORAS. PEDIR INFORMAÇÕES A PARAIZO, REIRA & C.^a — COIMBRA

São-se representantes em todos os concellos



TRABALHOS TIPOGRAFICOS EM TODOS OS GENEROS

Fazem-se nas o linhas da

"ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA"

RUA DO SEculo, 43 — LISBOA

ULTIMA NOVIDADE

Prego de chapéu com "TIGE EDOUARD"

O prego completo..... 60 centavos
Só a haste..... 30

PEDIDOS A

H. SATURNINO

71, RUE DE DOUAI

PARIS



POUDRE GERMANDRÉE

Secret de beauté

Pour embellir et soigner le visage, employer cette poudre et donner le parfum idéal



MIGNOT-BOUCHER 71, RUE DE DOUAI, PARIS

Le Chevalier d'Orsay

Este perfume se harmoniza com o aroma do charuto

D'ORSAY, 17, Rue de la Paix, PARIS

FRIO da BELLEZA

PÓS para embelezar a cutis.
PÓS em folhas adherentes em forma pratica.
CREME para preservar e suavizar a pelle.

A VENDA EM TODAS AS PERFUMARIAS ELEGANTES DE PORTUGAL

MIGNOT-BOUCHER
17, Rue Vienne, Paris.



Electro-maçagem do braço em casos de dores reumáticas, neuralgias, etc.

"ZODIAC"

APARELHO DE ELETRO-MAÇAGEM

O aparelho mais simples, mais racional, inventado até hoje para a aplicação da electricidade ao tratamento terapeutico

Resolve o problema da maçagem electrica, previne e faz desaparecer rugas, «pés de galinha», «papo», renova e conserva a firmeza da garganta e a beleza do peito.

Cura certas doenças:

Neuralgias; Reumatismos;

Sciatica; Lumbago;

Gota; Perturbações nervosas; Acné;

Dartros;

Eczema; Dôres de estomago.

O "ZODIAC"

cria a sua propria electricidade, pode servir durante uma vida a uma familia inteira.

Preço do aparelho com todos os accessorios e porte: 12 escudos.

Dirigir os pedidos ao representante exclusivo para venda em Portugal:

Mr. de Smedt, 26, rue Norvins, Paris

Dr. Benguê, 47, Rue Blanche, Paris.



Venda em todas as Pharmacias

Perfumaria
Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE N.º 2777-LISBOA

CASA ARTHUR MAURY

A CASA FRANCEZA MAIS ANTIGA

FUNDADA EM 1860

6 - Boulevard Montmartre - PARIS

IMENSO SORTIDO DE SELOS RÁROS E ORDINÁRIOS, NOVOS E USADOS

Acaba de aparecer o **CATALOGO DESCRITIVO DE SELOS** (53.^a edição)

12.000 preços modificados, completo até Dezembro de 1913, 600 paginas, 4.000 gravuras. PREÇO \$40 centavos

O jornal mensal illustrado *Le Collectionneur de Timbres Postes*, 49 anos de existencia, cada numero contém cronicas filatelicas, listas d'ocasiões reservadas sómente para assinantes. No fim do ano os assinantes recebem gratuitamente o catalogo de selos e que aparece depois do 1.^o de janeiro. Preço da assinatura: \$30 centavos para a França e \$40 centavos para o estrangeiro. Numero specimen gratis.

ALBUNS DE SELOS a partir de \$25 centavos até 40\$ escudos, os mais cotados e universalmente conhecidos.

Acaba de aparecer o *Priz Courant Miniature*, contendo numerosas occasiões 1200 séries e pacotes, gratis franco a quem o requisitar.

O CONTEUDO D'ALGUNS PACOTES

Pacote Turc, contendo 50 selos diferentes da Turquia. Preço: \$35 centavos.

Pacote Colonias Françaises, contendo 50 selos diferentes das colonias. Preço: \$30 centavos.

Pacote Le Mikado, contendo 25 selos diferentes do Japão. Preço: \$11 centavos.

Pacote Serbe, contendo 25 selos diferentes da Servia. Preço: \$20 centavos.

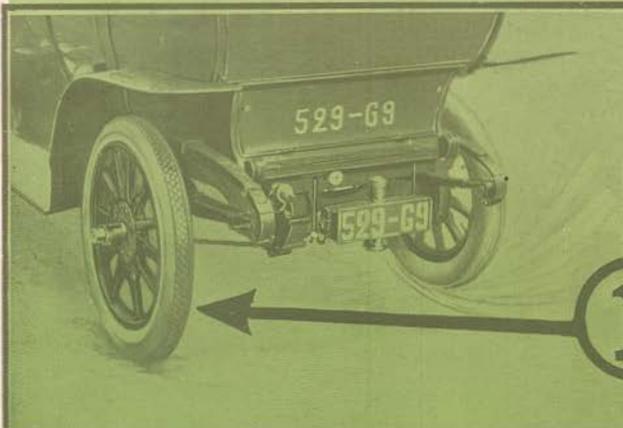
Pacote Porto-Rico, contendo 28 selos diferentes de Porto Rico. Preço: \$27 centavos.

Pacote Etats Unis, contendo 50 selos diferentes dos Estados Unidos d'America. Preço: \$20 centavos.

Porte de cada pacote para a França, \$0 centavos; para o estrangeiro, \$05 centavos

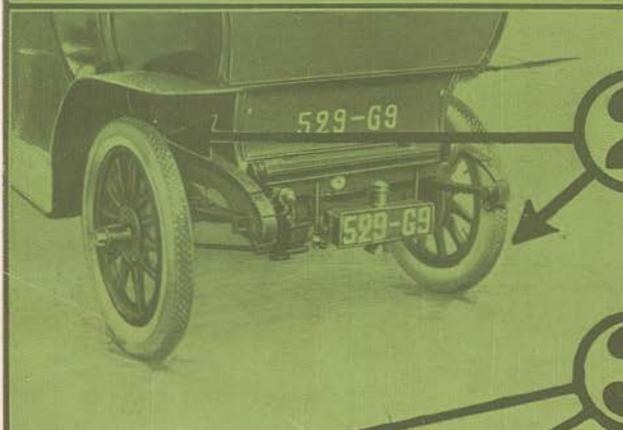
(Vêr a continuação no nosso preço corrente gratuito)





1

Rouge ferré é indispensavel para impedir a "dérápaga"



2

Rouge ferré são uteis para poupar a diferencial



3

Rouge ferré são necessarios para prevenir por completo toda e qualquer dérápaga.

PNEU
CONTINENTAL

A.Ehrmann.

A' VENDA EM TODAS AS GARAGES